

Reconquistar a terra no Rio Moa, lutar pela autonomia econômica, vencer a dispersão provocada pelos exploradores do caucho e da borracha

É a recuperação do gosto de ser novamente "nós Nukini"

A história da ocupação capitalista no Estado do Acre é, ao mesmo tempo, a história do massacre de seus verdadeiros habitantes: os povos indígenas. Inúmeras nações como Kampa (Asháninka), Poyanawa, Yaminawa, Nukini, Katukina, Kaxinawá foram, gradativamente, desde séculos atrás, escravizadas e utilizadas como mão-de-obra nas atividades extrativas do caucho e seringa (borracha). A corrida à borracha foi uma das causas de outro tipo de corrida, mais violento e mais cruel: a espoliação das terras indígenas. Com uma superfície de 152.589 km², o Acre aos poucos vai substituindo o extrativismo da borracha e do caucho pela frente agropecuária.

Mais de 50 por cento das terras acreanas foram vendidas a grupos sulistas ligados à agroempresa. Para completar o esbulho, 94 por cento das terras indígenas não estão demarcadas.

De 1977 a 1984, a maioria dessas áreas já foi delimitada duas ou três vezes pela Funai; ora para obedecer a conveniências e as pressões de grupos econômicos;

ora para atender as justas reivindicações dos povos indígenas com relação aos seus territórios.

Os Nukini, povo da família Pano, habitantes do rio Moa, município de Cruzeiro do Sul, foram uma das maiores vítimas do extrativismo do caucho, introduzido na região no início do século, pelos peruanos. Vamos agora conhecer um pouco da história, da luta e da resistência dos Nukini para garantir a sua identidade cultural como povo diferenciado e a demarcação de suas sagradas terras.

Como praticamente quase todos os povos indígenas no Acre, os Nukini foram expropriados de suas terras, massacrados pelas "correrias", pelas balas dos rifles de jagunços, por epidemias viróticas e, posteriormente, transformados em força de trabalho superexplorada pelos coronéis da borracha. Tudo começou a partir do contato, que foi feito pelos caucheiros peruanos, no final do século passado.

Depois do contato, os Nukini foram utilizados pelos "donos do caucho" para combater outros grupos indígenas nas áreas ricas em borracha e caucho. No século passado, Mâncio Lima e Antônio Bastos organizaram a expedição de "pacificação" dos Poyanawa, da qual participaram os Nukini. Estão hoje localizados no Seringal República, município de Mâncio Lima, encontrando-se também índios Nukini nas cabeceiras do rio Moa, espalhados pelos seringais da região; e famílias no Igarapé Novo Recreio - afluente do Moa. Por enquanto, a única via de acesso aos diferentes aldeamentos nukini é o rio Moa.

O violento contato com os caucheiros levou os Nukini à dispersão e ao quase extermínio. Até meados da década de 70, época em que os grupos agropecuários começaram a adquirir mais da metade da área fértil do Estado, não se ouvia falar de povos indígenas no Acre. As próprias estatísticas oficiais faziam de tudo para negar a existência de índios na região. A estratégia utilizada foi, durante muito tempo, classificá-los genérica e indistintamente como "caboclos". Por trás de toda essa tese preconceituosa sempre esteve um objetivo claro: invadir as terras indígenas e garantir, a todo custo, uma mão-de-obra para o extrativismo do caucho e da borracha. Os Nukini foram vítimas da ganância dessa exploração econômica.

AUTONOMIA ECONÔMICA

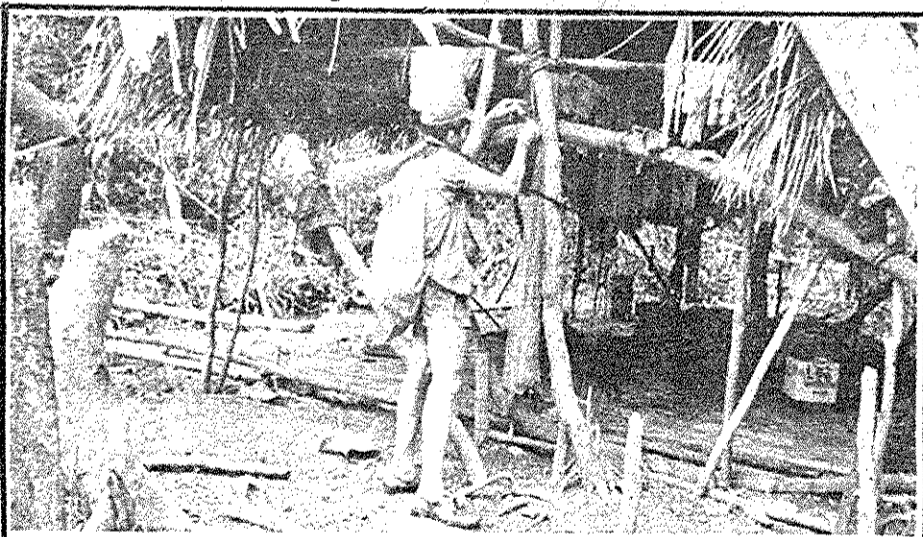
Pela primeira vez em toda a sua história, os Nukini - junto com outros povos no Acre e no Sul do Amazonas - participaram da primeira assembleia de lideranças indígenas na região, ocorrida em Rio Branco, em agosto do ano passado (ver PORANTIM n° 67). Entrevistado por Egon Heck, secretário-adjunto do Cimi, o cacique Humberto Souza disse que essa

"reunião do Rio Branco foi importante, porque lá se falou da questão da terra, da educação, da saúde". Foi a partir daí que os Nukini resolveram exigir, mediante maior pressão sobre os órgãos governamentais, a urgente demarcação das terras e a possibilidade de conseguir autonomia econômica. Esse despertar foi motivado também pelas visitas intertribais e pela solidariedade de entidades indígenas. "Estamos pensando ficar independentes dos brancos, que já nos machucou muito. Estamos plantando não só arroz, feijão, mandioca, mas cana-de-açúcar para o consumo da comunidade. Não queremos mais contato com gente branca em nossa área", dizia, na entrevista, Humberto Souza.

A busca indiscriminada do caucho possibilitou a invasão do território desse povo. O velho Evaristo Pitaré é capaz de passar horas contando de como cortou muito caucho com os peruanos. Hoje o grande desafio colocado por eles é recuperar a identidade étnica e construir, a partir daí, o futuro com força e ânimo. É comum ouvi-los falando: "Nós Nukini". Percebe-se nessa expressão uma decisão, uma consciência e uma vontade de lutar a partir do que sobreviveu, física e culturalmente.

Na opinião do líder Humberto Souza, ser Nukini representa a melhor estratégia de sobrevivência, neste momento. Ele considera fundamental, nesse processo, a reconquista da terra. E mais: é a partir do direito e da luta por um território que se pensa a reconstrução do povo: sua subsistência, organização, cultura... O que fazer agora? Os patrões (Seringal República e outros) vão ter de sair. "Queremos a área toda comandada por nós. Já demos um prazo para a saída das famílias brancas: até o dia 1° de maio de 85".

Em 1982, no esforço de organizar-se para reforçar as suas lutas, dois caciques foram escolhidos pela comunidade, cuja principal atribuição é representar o grupo junto à sociedade nacional. Por fim, os índios Nukini querem enfrentar também o problema da educação e da saúde. Estão cansados de recorrer aos patrões (donos de seringais) que, para qualquer tipo de doença, lhes forneciam antibióticos.



Por enquanto, ainda se repete o velho ritual: sair de casa cedo, fazer a sangria na árvore, recolher o cipó coagulante e preparar o caucho para o patrão

fotos: Egon Heck